

*Sérgio Buarque de Holanda*

# Monções

*Organização*

Laura de Mello e Souza  
André Sekkel Cerqueira

*Notas*

André Sekkel Cerqueira

•



Copyright © 2014 by Espólio de Sérgio Buarque de Holanda

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da  
Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Capa  
*Victor Burton*

Imagen de capa  
*Björn Landström*

*Todos os esforços foram feitos para determinar  
a origem dessa imagem, porém isso não foi possível.  
Teremos prazer em creditar a fonte, caso se manifeste.*

Imagen da caixa  
*Maximiliam Wied-Neuwied, gravura aquarelada,  
1820/21. Acervo Fundação Biblioteca Nacional – Brasil*

Pesquisa Iconográfica  
*André Sekkel Cerqueira*

Preparação  
*Alexandre Boide*

Índice remissivo  
*Luciano Marchiori*

Revisão  
*Huendel Viana  
Thais Totino Richter*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Holanda, Sérgio Buarque de, 1902-1982.

Monções e Capítulos de expansão paulista : Sérgio Buarque de Holanda ; organização Laura de Mello e Souza, André Sekkel Cerqueira ; notas André Sekkel Cerqueira – 4<sup>a</sup> ed. São Paulo : Companhia das Letras, 2014.

Bibliografia  
ISBN 978-85-359-2505-0

1. Brasil – História – Até 1821 2. Brasil – História – Monções 3. São Paulo (SP) – História 1. Souza, Laura de Mello e. II. Cerqueira, André Sekkel. III Título.

14-09624

CDD-981.012  
-981.61

---

Índices para catálogo sistemático:  
1. Brasil : História, até 1821 981.012  
2. Monções : Brasil : História 981.012  
3. São Paulo : Estado : História 981.61

---

2014

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 – São Paulo – SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

# Sumário

•

Nota sobre o texto – André Sekkel Cerqueira	7
Nota à segunda edição	9
Nota à primeira edição	13
Prefácio: Estrela da vida inteira – Laura de Mello e Souza	15
MONÇÕES	
1. Os caminhos do sertão	41
2. O transporte fluvial	47
3. Ouro	73

**4. Sertanistas e mareantes**

**100**

**5. As estradas móveis**

**107**

**6. Comércio de Cuiabá**

**142**

**ANEXOS**

**Anexo A**

**155**

**Anexo B**

**156**

**Anexo C**

**157**

**Anexo D**

**163**

**Notas**

**177**

**Créditos das imagens**

**189**

**Sobre o autor**

**191**

**Índice remissivo**

**195**

## I

## Os caminhos do sertão\*

•

DURANTE OS PRIMEIROS TEMPOS DA COLONIZAÇÃO do Brasil, os sítios povoados, conquistados à mata e ao índio, não passam geralmente de manchas dispersas, ao longo do litoral, mal plantadas na terra e quase independentes dela. Acomodando-se à arribada de navios, mais do que ao acesso do interior, esses núcleos voltam-se inteiramente para o outro lado do oceano.

Em tais paragens, tratam os portugueses de provocar um ambiente que se adapte à sua rotina, às suas conveniências mercantis, à sua experiência africana e asiática. O processo evolui graças à introdução da cana-de-açúcar, destinada a pro-

\* *Monções*, terceiro livro de Sérgio Buarque de Holanda, marcou sua estreia como historiador. No mesmo ano no qual publicou o livro, foi nomeado diretor do Museu Paulista. Conforme explicado nas seções pré-textuais, alguns capítulos deste livro foram reescritos, e “Os caminhos do sertão” é um deles. Inicialmente foi publicado como artigo na *Revista de História*, v. 28, n. 57, jan./mar. 1964, onde, inclusive, havia uma nota dizendo: “O presente estudo fará parte do capítulo inicial de nova edição, consideravelmente ampliada, do volume *Monções*, há muito esgotado”. Para se ter uma ideia do quanto foi modificado o capítulo, note-se o número de páginas na edição de 1990: passou de quatro (pp. 15-8) para 44 páginas (pp. 163-206). Cf. nota da p. 199 de *Capítulos de expansão paulista*, obra que passa a conter o capítulo reescrito. [Esta e as demais notas de rodapé são de André Sekkel Cerqueira. As notas numeradas, do autor, encontram-se na seção “Notas”.]

duzir para mercados estrangeiros. A lavoura do açúcar tem seu complemento no engenho. Ambos – lavoura e engenho – chamam o negro. Incapazes de ajustar-se a esse processo, os antigos naturais da terra são rapidamente sacrificados. Aquelas que não perecem, vítimas das armas e também das moléstias trazidas pelo conquistador, vão procurar refúgio no sertão distante.

Vencida porém a escabrosidade da Serra do Mar, sobretudo na região de Piratininga, a paisagem colonial já toma um colorido diferente. Não existe aqui a coesão externa, o equilíbrio aparente, embora muitas vezes fictício, dos núcleos formados no litoral nordestino, nas terras do massapê gordo, onde a riqueza agrária pode exprimir-se na sólida habitação do senhor do engenho. A sociedade, constituída no planalto da capitania de Martim Afonso, mantém-se, por longo tempo ainda, numa situação de instabilidade ou de imaturidade, que deixa margem ao maior intercurso dos adventícios com a população nativa. Sua vocação estaria no caminho, que convida ao movimento; não na grande propriedade rural, que cria indivíduos sedentários.

É verdade que essas diferenças têm caráter relativo e que delas não é lícito tirar nenhuma conclusão muito peremptória. A mobilidade dos paulistas estava condicionada, em grande parte, a certa insuficiência do meio em que viviam; insuficiência para nutrir os mesmos ideais de vida estável, que nas terras da marinha puderam realizar-se, ao primeiro contato entre o europeu e o Novo Mundo. Distanciados dos centros de consumo, incapacitados, por isso, de importar em apreciável escala os negros africanos, eles deverão contentar-se com o braço indígena – os “negros” da terra; para obtê-lo é que são forçados a correr sertões inóspitos e ignorados. Em toda parte é idêntico o objetivo dos colonos portugueses. Diverge unicamente, ditado por circunstâncias locais, o compasso que, num e noutro caso, dirige a marcha para esse objetivo.

Mas, a lentidão com que, no planalto paulista, se vão im-

por costumes, técnicas ou tradições vindos da metrópole – é sabido que, em São Paulo, a própria língua portuguesa só suplantou inteiramente a geral, da terra, durante o século XVIII – terá profundas consequências. Desenvolvendo-se com mais liberdade e abandono do que em outras capitâncias, a ação colonizadora realiza-se aqui por um processo de contínua adaptação a condições específicas do ambiente americano. Por isso mesmo, não se enrija logo em formas inflexíveis. Retrocede, ao contrário, a padrões rudes e primitivos: espécie de tributo exigido para um melhor conhecimento e para a posse final da terra. Só muito aos poucos, embora com extraordinária consistência, consegue o europeu implantar, num país estranho, algumas formas de vida, que já lhe eram familiares no Velho Mundo. Com a consistência do couro, não a do ferro ou do bronze, dobrando-se, ajustando-se, amoldando-se a todas as asperezas do meio.\*

É inevitável que, nesse processo de adaptação, o indígena se torne seu principal iniciador e guia. Ao contato dele, os colonos, atraídos para um sertão cheio de promessas, abandonam, ao cabo, todas as comodidades da vida civilizada. O simples recurso às rudes vias de comunicação, abertas pelos naturais do país, já exige uma penosa aprendizagem, que servirá, por si só, para reagir sobre os hábitos do europeu e de seus descendentes mais próximos. A capacidade de resistir longamente à fome, à sede, ao cansaço; o senso topográfico levado a extremos; a familiaridade quase instintiva com a natureza agreste, sobretudo com seus produtos medicinais ou comestíveis, são algumas das imposições feitas aos caminhantes, nessas veredas estreitas e rudimentares. Delas aprende o sertanista a abandonar o uso de calçados, a caminhar em “fila

\* Essa mesma passagem, suprimida na versão reescrita, reaparece, com pequenas modificações, em *O Extremo Oeste*. Cf. nota da p. 39 de *Capítulos de expansão paulista*.

índia”, a só contar com as próprias forças, durante o trajeto.\* Salvo na proximidade imediata das maiores povoações, nenhum progresso fundamental será possível, antes que se generalize o emprego de cavalares ou muares, para extensos percursos. Nada indica que os trabalhos de reparo e conservação das estradas mais importantes – trabalhos feitos, a princípio, de mão comum, pelos moradores, e quase só até onde chega o poder efetivo das câmaras municipais – pudessem modificar apreciavelmente a fisionomia e o caráter próprio desses caminhos.

Parece provável, aliás, que, mesmo antes da colonização europeia, algumas trilhas de índios fossem mais do que picadas incultas e intratáveis, onde ao caminhante se recusava todo conforto. Isso explicaria, de algum modo, a ênfase com que mais de um historiador se tem referido a “vias nacionais” de tal ou qual tribo. De uma trilha que se dirigia para o sul, rumo ao chamado Sertão dos Patos, já se disse, por exemplo, que era a Via Nacional dos Tupiniquins. Outra, que partindo de Cananeia procurava o sudoeste – a região do Iguaçu e do Piquiri –, seria a verdadeira estrada real da “raça” guarani.

Embora acolhendo com a devida reserva tais precisões, pode-se admitir, no entanto, que os índios se utilizassem continuadamente de determinados caminhos e até mesmo que os adaptassem às necessidades de um trânsito frequente. Afir-

\* A adaptação do português aos costumes indígenas foi um dos principais temas dos trabalhos de Sérgio Buarque de Holanda. Essa passagem sobre o modo de andar, por exemplo, reaparece em *O Extremo Oeste*, pp. 40-1, e em *Caminhos e fronteiras* (São Paulo: Companhia das Letras, 2005), pp. 28-9 e na p. 34, onde trata da disposição dos pés dos brancos e dos índios: “O caminhar em fila imposto pela exiguidade das trilhas, principalmente no espaço da selva tropical, parece relacionar-se, além disso, às razões de ordem fisiológica que G. Friederici estudou entre índios norte-americanos, mas que parecem aplicar-se de modo geral aos de todo continente. É que, enquanto os brancos, por disposição natural ou educação, costumam caminhar voltando para fora a extremidade de cada pé, o índio caminha de ordinário com os pés para a frente. Na sua marcha, nota ainda Friederici, a planta e os dedos do pé aplicam-se inteiramente sobre o solo, porque todo o peso do indivíduo recai sobre o conjunto de maneira uniforme, ao passo que entre os brancos o polegar suporta uma parcela de peso desproporcionadamente maior”.

ma-se dos carijós do Guairá que chegavam a semear em suas estradas certa variedade de gramínea, capaz de impedir o desenvolvimento das macegas e, assim, de evitar qualquer obstrução. Há, ainda hoje, veredas indígenas de muito trânsito, onde se deparam, aqui e ali, instrumentos de cozinhar e moquear, canoas, choças, redes, cabaças de apanhar água; tudo rigorosamente previsto para as conveniências de um constante percurso. A presença de tais petrechos faz supor, naturalmente, cuidadosa escolha do local – sítios onde existam rios piscosos, ou lagrimais, ou barreiros que atraem a caça. Vários desses lugares privilegiados serviriam, com o tempo (em São Paulo só a partir do século XVIII), para neles se estabelecerem pousos reiunos, de onde sairiam depois alguns povoados prósperos.

Não obstante tais comodidades e o zelo previdente que nelas se denuncia, o certo é que nada disso chega a alterar, no essencial, esses caminhos primitivos, destinados unicamente à marcha de pedestres. Sóbrios, tenazes, afeitos à fadiga, os devassadores do sertão não teriam, nesse ponto, exigências profundas que fossem estímulo ao progresso. Alguns, os mais respeitados, fazem-se transportar em redes, carregadas pelos índios. Esse modelo de veículo seria pouco usual longe dos sítios habitados, onde se apagavam os derradeiros vestígios da vida civil. E se chegou a ser usado, por algum cabo de bandeira, durante as extensas jornadas, através de terras desconhecidas – como fazem crer vários depoimentos –,<sup>1</sup> é lícito supor que, quando não servisse apenas para alívio dos enfermos e achacosos, fosse um modo de afirmar ostensivamente a própria superioridade ou dignidade. O mais frequente, porém, era depender cada qual de si mesmo e dos ardis que pode inspirar a prática de um mundo hostil.

A energia física, necessária a muitos desses empreendimentos, dispensava de ordinário qualquer ajuda, a não ser em face de obstáculos mais poderosos. Assim, diante dos rios maiores, rios de canoa, como se chamavam, era forçoso inter-

romper a marcha a pé. E também não faltavam ocasiões em que os rios, deixando de significar um estorvo para o caminhante, se transformavam, eles próprios, em caminhos – os “caminhos que andam”. Embora não constituíssem, ao menos de início, a via mais habitual de penetração do continente, desempenhariam, ao cabo, um papel que não foi simplesmente acessório.

*Sérgio Buarque de Holanda*

# Capítulos de expansão paulista

*Organização*

Laura de Mello e Souza  
André Sekkel Cerqueira

*Notas*

André Sekkel Cerqueira

•



Copyright © 2014 by Espólio de Sérgio Buarque de Holanda

*Graça atualizada segundo o Acordo Ortográfico da  
Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Capa  
*Victor Burton*

Imagen de capa  
*Björn Landström*

*Todos os esforços foram feitos para determinar  
a origem dessa imagem, porém isso não foi possível.  
Teremos prazer em creditar a fonte, caso se manifeste.*

Imagen da caixa  
*Maximiliam Wied-Neuwied, gravura aquarelada,  
1820/21. Acervo Fundação Biblioteca Nacional – Brasil*

Pesquisa Iconográfica  
*André Sekkel Cerqueira*

Preparação  
*Alexandre Boide*

Índice remissivo  
*Luciano Marchiori*

Revisão  
*Huendel Viana  
Thaís Totino Richter*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Holanda, Sérgio Buarque de, 1902-1982.  
Monções e Capítulos de expansão paulista : Sérgio  
Buarque de Holanda ; organização Laura de Mello e Souza,  
André Sekkel Cerqueira ; notas André Sekkel Cerqueira - 4<sup>a</sup>  
ed. São Paulo : Companhia das Letras, 2014.

Bibliografia  
ISBN 978-85-359-2505-0

1. Brasil – História – Até 1821 2. Brasil – História –  
Monções 3. São Paulo (SP) – História 1. Souza, Laura de Mello  
e. II. Cerqueira, André Sekkel. III Título.

14-09624

CDD-981.012  
-981.61

Índices para catálogo sistemático:  
1. Brasil : História, até 1821 981.012  
2. Monções : Brasil : História 981.012  
3. São Paulo : Estado : História 981.61

---

2014

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 – São Paulo – SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

# Sumário

•

Prefácio: Sinfonia inacabada – Laura de Mello e Souza

7

## O EXTREMO OESTE

Introdução – José Sebastião Witter

21

Caminhos do Extremo Oeste

33

A conquista do Extremo Oeste

104

## CAPÍTULOS REESCRITOS DE *MONÇÕES*

Caminhos do sertão

199

O transporte fluvial

247

As estradas móveis	
	293
Notas	
	367
Créditos das imagens	
	397
Sobre o autor	
	399
Índice remissivo	
	403

## O EXTREMO OESTE

•

NOS PRIMEIROS TEMPOS DA COLONIZAÇÃO DO BRASIL, as áreas povoadas, tomadas ao índio e ao mato, não passam, em geral, de estabelecimentos dispersos sobre o vasto litoral e ainda mal plantados na terra. Destinados sobretudo ao aportamento de navios, voltam-se de preferência para o outro lado do oceano. Nessas paragens cuida o português de suscitar ambientes adequados à sua conveniência mercantil, assim como a sua experiência africana e asiática. O processo acelera-se principalmente com a introdução da lavoura açucareira, que há de

\* As notas apresentadas neste livro foram elaboradas a partir da iniciação científica de André Sekkel Cerqueira, que comparou durante dois anos os livros *Monções*, *Caminhos e fronteiras* e *O Extremo Oeste*. Elas têm como objetivo indicar ao leitor as relações entre estas e outras obras do autor, como *Visão do Paraíso* e textos menores (artigos publicados em revistas e jornais, por exemplo). Na introdução que fez a *Caminhos e fronteiras* (1957), Sérgio Buarque de Holanda afirma que os primeiros capítulos do livro foram redigidos junto com *Monções* (1945), obra que pretendia incluir “em quadro mais amplo, onde se apresentariam certos aspectos significativos da implantação em terra brasileira de uma civilização adventícia” (*Caminhos e fronteiras*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p. 10). *Caminhos e fronteiras* contribuiria, então, para esse “quadro mais amplo”. Em 1976, saiu a segunda edição de *Monções*. À altura, Sérgio Buarque já havia reescrito, pelo menos, o primeiro capítulo do livro, “Caminhos do sertão”, publicado em 1964 na *Revista de História* da Universidade de São Paulo. Porém, na segunda edição, o autor resolveu deixar o livro, *Monções*, como estava,

atender a mercados distantes. A lavoura, neste caso a grande lavoura, tem seu complemento nas moendas de cana. Ambos, lavoura e engenho, apelam para o negro. Infensos, quase sempre, a semelhante processo, vão ser rapidamente sacrificados os antigos naturais da terra. Aqueles que não perecem, vítimas das armas e pestes trazidas do além-mar, buscam refúgio no sertão.

No sul, porém, e particularmente nos lugares à volta de Piratininga, vencidas as escabrosidades da serra, a paisagem vai ganhar outro colorido. Não há aqui a coesão externa, a aparência de equilíbrio, oferecida pelos núcleos surgidos no litoral nordestino, nas terras do massapé gordo, onde, bem ou mal, se exprime a riqueza na sólida habitação do dono de engenho. Aquela sociedade meio aluvial constituída no planalto vicentino irá manter-se ainda por dois séculos ou mais em situação instável e imatura, que deixa espaço ao maior intercuso com a gente nativa. Sua vocação está no caminho, que convida ao movimento, não na grande lavoura, que cria indivíduos sedentários.

Verdade é que essas diferenças terão sempre caráter relativo. Por toda parte é um só o alvo do colonizador. O que di-

---

alegando que as mudanças seriam tantas que cabia apresentá-las em outro livro, no qual estaria trabalhando. Em 1986, algum tempo depois de sua morte, foi publicado *O Extremo Oeste*, trabalho inédito e inacabado que, tudo leva a crer, correspondia ao esforço de reescrever *Monções*. É evidente a relação entre as três obras referidas, que têm a expansão paulista como tema central e parecem ter obedecido ao seguinte desenvolvimento: 1) o autor publicou, em 1945, a primeira parte de sua pesquisa; 2) a partir de novos materiais, aprofundou a investigação e publicou, em 1957, outro livro; 3) as pesquisas sobre o tema continuaram, e em 1965 Sérgio Buarque de Holanda pediu auxílio à Fapesp para dar continuidade aos estudos sobre a navegação fluvial entre São Paulo e Cuiabá; é possível que estivesse reescrevendo os capítulos de *Monções* nessa época; 4) o volume de novas informações levou-o a acreditar que a melhor solução seria escrever um outro livro, que talvez reunisse os capítulos reescritos de *Monções* e os trechos que compõem *O Extremo Oeste*. Ver a respeito Laura de Mello e Souza, “Estrela da vida inteira”, prefácio a *Monções* (São Paulo: Companhia das Letras, 2014). Cf. também nota da p. 286, no capítulo “O transporte fluvial” deste volume. [Esta e as demais notas de rodapé são de André Sekkel Cerqueira. As notas numeradas, do autor, encontram-se na seção “Notas”].

verge é o compasso da marcha dirigida ao mesmo objetivo, conforme as circunstâncias locais. A mobilidade maior dos de São Paulo é provocada largamente pela insuficiência dos recursos disponíveis para a sustentação do ideal comum de estabilidade. Apartados das grandes linhas naturais de comunicação com o Reino e sem condições para desenvolver de imediato um tipo de economia extrovertida, que torne compensadora a introdução de africanos, devem contentar-se com as possibilidades mais modestas que proporciona o nativo, o “negro” da terra, como sem malícia costumam dizer, e é para ir buscá-lo que correm o sertão.

Foi antes de tudo a vontade de corrigir os efeitos da carência de mão de obra para a faina rural o que fomentou muitos episódios próprios da sociedade do planalto. Há no entanto os que, ainda hoje, só querem achar o germe e a lei íntima desses episódios no coração aventureiro do sertanista. Ou então no empenho que o moveria, de ver dilatados os senhorios da Coroa de Portugal neste continente. É de representações semelhantes que deve ter nascido uma já vasta e frondosa iconografia, onde tudo, a começar pela indumentária atribuída a heróis tão assinalados contra a realidade relutante da história, deve exibi-los a posar sobranceiros para a eternidade, como se tivessem cuidado de organizar a glória póstuma. A verdade, escondida por essa espécie de mitologia,\* é que eles foram constantemente impelidos, mesmo nas grandes entradas, por exigências de um triste viver cotidiano e caseiro: teimosamente pelejaram contra a pobreza, e para repará-la não hesitaram em deslocar-se sobre espaços cada vez maiores, desafiando as insídias de um mundo ignorado e talvez inimigo.\*\*

\* Sérgio Buarque de Holanda retoma, aqui, uma discussão que teve com Jaime Cortesão, em artigos de jornal, acerca da presença ou ausência de intencionalidade na expansão paulista, e se as expedições foram ou não estimuladas pela Coroa portuguesa. O assunto será retomado em *O Extremo Oeste*, no capítulo “A conquista do Extremo Oeste” (p. 105 desta edição).

\*\* Nos originais de *O Extremo Oeste* há, na p. 2, uma anotação feita a lápis por Maria

Explica-se assim como um jesuíta, ao tratar das agruras suportadas por esses homens na perseguição de um reprovável intento, disse que humilhavam a tibieza de quem se propusera fins mais elevados do que a insana caça a peças indígenas. A verdade, observa com efeito o padre Diego Ferrer, é que, precisando ir ganhar almas para o Senhor, sentia-se ele próprio indolente e fraco, avesso a dificuldades, infenso a trabalhos maiores e riscos, enquanto aqueles “portugueses de San Pablo” não duvidavam de correr a pé caminhos tão complicados, tão ásperos, tão faltos de todo o necessário, padecendo tanta fome, tanta fadiga, tanta penúria, expondo-se a perigos tão continuados do corpo e do espírito, para ao cabo descer meia dúzia de índios, que lhes hão de escapar amanhã, ou de morrer.<sup>1</sup>

36

CAPÍTULOS  
DE EXPANSÃO  
PAULISTA

Podia dar-se, de outro lado, que em semelhantes jornadas fossem compensados, por acaso, no barranco de algum ribeirão, com um desses tesouros de proveito, que não servem só a fins materiais, por além de adornar templos, dar mais decoro ao culto, ajudam até a tirar almas do Purgatório. Assim se dará com o Arzão, por exemplo, no rio da Casca. E com o Sutil, no rio Cuiabá. Tudo faz supor, entretanto, que essa demanda do metal precioso teve influência moderada, de início quase nula, no ânimo daqueles aventureiros. Isto mesmo há de dizer, e não é testemunho isolado, certo governador do Paraguai, ao glosar informações que lhe levou João de Peralta, domiciliado em São Paulo desde que, criança de peito, o trouxeram os pais da Vila Rica do Espírito Santo, onde nascerá:<sup>2</sup> “Não fazem muito caso do ouro”, são palavras suas, “o que mais querem é maloquear índios”.

---

Amélia, indicando a semelhança entre as ideias tratadas nestes parágrafos e as presentes na separata “A expansão paulista em fins do século XVI e princípio do século XVII”, publicada em 1948 por conta de um seminário sobre o estudo das fontes paulistas. Cf. trecho “Precisamente um século antes também é o Peru que surge absorvendo praticamente toda a América do Sul num mapa de Pedro de Medina”, à p. 121 deste volume, onde é mais evidente a relação com a separata. Cf. também a nota da p. 105-6.